

ANÁLISE LINGÜÍSTICA E LITERÁRIA — INTERSECÇÕES E DISJUNÇÕES

Maria do Socorro Silva de Aragão

Para o desenvolvimento do tema de nossa dissertação partiremos da noção primeira e mais elementar de Linguagem.

O termo linguagem tem significado amplo e pode dar margem a muitas interpretações. Neste trabalho trataremos da linguagem humana como a faculdade ou capacidade que o homem tem de se comunicar através de signos vocais, duplamente articulados. Linguagem, portanto, como instituição humana, produto da vida em sociedade e instrumento de comunicação, uma vez que, através dela o homem comunica a seus semelhantes seus pensamentos, idéias, sentimentos, estados d'alma, o que permite afirmar ser a linguagem, de fato, o próprio fundamento da cultura.

A esse enfoque podemos alinhar uma das definições mais completas de linguagem, a de Charles Morris. Para ele, a linguagem é “um conjunto de sinais plurissituacionais, com significados interpessoais comuns a uma família de intérpretes, susceptíveis de serem utilizados pelos membros dessa família e de serem combinados de certos modos e não de outros”.

E, mais sumariamente,

“Linguagem é um conjunto de consígnos plurissituacionais, com restrições nos modos como se podem combinar”.

Analisando esta definição podemos destacar 5 aspectos básicos na linguagem:

- 1 — A linguagem é constituída de uma variedade de sinais;

- 2 — Na linguagem cada sinal tem um significado comum a um determinado grupo de falantes;
- 3 — Os sinais devem poder ser utilizados com o mesmo significado por todos os indivíduos do grupo lingüístico;
- 4 — Os sinais devem ter uma mesma significação, qualquer que seja o contexto em que sejam usados;
- 5 — Os sinais devem ser estruturados segundo as regras estabelecidas pela comunidade que os utiliza.

A linguagem apresenta dois aspectos já apontados pelo próprio Saussure, quais sejam, (1) o seu aspecto social, a **língua** e (2) o seu aspecto individual, a **fala**, cada um deles com suas características próprias a distinguir um do outro mas, ao mesmo tempo tornando-os interdependentes. Como sabemos, só temos atos de fala se tivermos por base uma língua, mas, por outro lado, só conhecemos a língua através dos atos de fala. Neste trabalho não distinguiremos a língua da fala. Falaremos da linguagem, que inclui automaticamente ambos os aspectos.

Vimos, anteriormente, que a principal função da linguagem é servir de instrumento de comunicação dos indivíduos de um grupo qualquer. No entanto, a linguagem também apresenta outras funções, não menos importantes. Martinet, por exemplo, classifica em cinco as funções da linguagem, a saber:

- 1 — Instrumento de comunicação;
- 2 — Suporte de pensamento;
- 3 — Meio de expressão;
- 4 — Afirmação do Eu;
- 5 — Função estética.

Para Karl Bühler, três são as funções básicas da linguagem, ligadas ao falante, à mensagem e ao ouvinte, as quais vão constituir o modelo TRIÁDICO tradicional da linguagem:

- 1.º pessoa — falante = função expressiva;
- 2.º pessoa — ouvinte = função apelativa;

3.º pessoa — mensagem = função representativa.

Entendemos, contudo, que a teoria das funções da linguagem, proposta por Jakobson, é a mais completa. Jakobson começa por analisar o processo da comunicação a partir dos seus elementos constitutivos: o **emissor**, que inicia o processo da comunicação; o **receptor**, que recebe a comunicação; o **contato**, canal física e conexão psicológica entre emissor e receptor; o **contexto**, situação extra-lingüística, suscetível de verbalização; a **mensagem**, que é a codificação do contexto e, finalmente, o **código**, que é a estrutura lingüística comum ao emissor e receptor.

Baseado nesses elementos Jakobson propõe seis funções da linguagem nas quais há sempre o predomínio de um deles. Para Jakobson as funções são as seguintes:

- 1 — **função emotiva**, com o predomínio do emissor;
- 2 — **função conativa**, com o predomínio do receptor;
- 3 — **função poética**, com o predomínio da mensagem;
- 4 — **função referencial** com o predomínio do contexto;
- 5 — **função fática**, com o predomínio do canal;
- 6 — **função metalingüística**, com o predomínio do código.

Uma abordagem mais superficial nos diria que a análise lingüística de um texto deveria se centrar na função referencial e a análise literária, na função poética. Isto, contudo, não é verdade, pois em relação às funções da linguagem podemos ter poemas cuja função principal não é a poética, como, por exemplo, o poema "A Alma das Couzas Somos Nós", de Raul de Leoni, em que o Poeta usa uma linguagem filosófica, quase beirando a linguagem científica. Assim, de acordo com a predominância das funções, podemos identificar os poemas mensagem, os metalingüísticos, os fáticos, os emotivos e os conativos.

Qual seria, então, o objeto da análise lingüística do texto e qual o da análise literária?

Em primeiro lugar, não há uma análise lingüística ou uma análise literária do texto, mas análises lingüísticas e análises literárias. Para trabalharmos com o texto, lingüisticamente, temos que partir dos níveis de análise lingüística. Em fenômenos complexos com a lingua-

gem é necessário o estabelecimento de uma ordem nos fenômenos e nos métodos de análise, coerentes, organizados de acordo com os mesmos conceitos e critérios. Para estudarmos o texto temos, portanto, de delimitar as unidades de análise, as relações existentes entre essas unidades e os níveis para determinação dos procedimentos de análise.

Bernard Pottier, determinando a hierarquia do signo lingüístico, parte do morfema, como unidade mínima de significação. **Émile Benveniste** diz que a análise lingüística deve parar no nível fonemático, isto é, na unidade mínima de distinção, o fonema. Para ele o nível fonético, o do som, é infra-lingüístico. No entanto, entendemos que para uma análise lingüística completa devemos partir do som, uma vez que, embora não tendo valor distintivo, os traços acústico-articulatórios são importantes, pois são os FEMAS constitutivos dos fememas dos fonemas.

Deste modo temos, então, hierarquicamente:

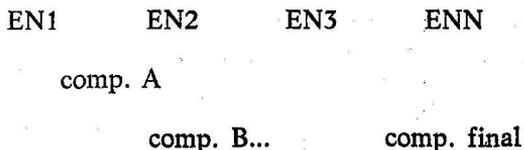
- 1) o som — como traço acústico-articulatório constitutivo do fonema;
- 2) o fonema — unidade mínima de distinção;
- 3) o morfema — signo mínimo de significação;
- 4) o vocábulo unidade mínima construída;
- 5) a lexia — unidade de comportamento;
- 6) o sintagma — unidade de função;
- 7) o enunciado — unidade mínima de enunciação.

Ao nível do enunciado, também chamado nível frasal, chegaria a análise lingüística. O nível imediatamente superior, o do texto, seria o campo da análise literária. Esse nível, segundo **POTTIER**, é a unidade intencional de comunicação fechada, de dimensão variada, podendo ir de um enunciado a uma série de milhares de enunciados (um romance, por exemplo).

Alguns autores falam de uma Lingüística Frásica ou Frasal, quando o seu estudo vai até o nível do enunciado, e de uma Lingüística Tranfrática ou Transfrasal, quando chega ao nível do texto.

Claro está que a existência do texto implica a existência do enunciado, sem que aquele seja uma soma de enunciados. Como diz

POTTIER, o discurso se desenvolve com uma certa continuidade temática, em que conceptualizamos as suas partes, constantemente remodeladas pela conceptualização das partes seguintes. Afirma ele que transformamos sem parar o semântico em conceitual e que a compreensão do texto não é linear, fornecendo o seguinte esquema de compreensão do texto:



POTTIER chama de **Semântica Analítica** a que cuida dos níveis do morfema, da lexia e do sintagma, de **Semântica Esquemática** o nível do enunciado e de **Semântica Global** o nível do texto.

Estabelecida a hierarquia do signo, vejamos os níveis possíveis de análise:

— o infra-lingüístico, o lingüístico e, posteriormente, o supra-lingüístico, isto é, as várias possibilidades de análise literária do texto.

O primeiro nível de análise é o fonético, onde analisamos os sons da linguagem, seu valor Impressivo e Expressivo, as variantes estilísticas, regionais, sócio-econômico-culturais, as variações de ritmo, entonação, altura e intensidade, enfim, todos os aspectos sonoros, que em si não são distintivos, mas que, como parte significativa do signo, ajudam na significação final do mesmo.

Como segundo nível temos o fonológico, também significativo e não significativo, cujo elemento mínimo, o fonema, funciona como unidade distintiva de significação. Na análise fonológica podemos analisar os fonemas, sua estruturação fonética e sua combinatória. Podemos estabelecer comutações, sua pertinência, sua neutralização, determinado, a partir desta, os arqui fonemas, e, ainda, ver a função fonostilística, que se centraliza na função expressiva desses elementos.

O terceiro nível de análise é o lexicológico, onde se faz um levantamento do léxico, sua estrutura e campo semântico, enfim, os aspectos quantitativos do léxico.

O quarto nível é o morfo-sintático, em que se estuda a estrutura morfológica do signo, sua forma e seu funcionamento, intra-signo quando se refere às relações existentes dentro do próprio signo e intersigno quando se refere às relações entre os signos.

Finalmente, temos o nível sintático-semântico, em que vemos a função e significação dos signos, quer dizer todas as relações in-

tra e inter-signos e todos os seus aspectos semânticos: semas específicos, "genéricos e virtuais; arquisssememas; relações matemáticas entre os semas e os signos; campo semântico; polissemia; parassinonímias; enfim, tudo o que diz respeito ao aspecto de substância e forma de conteúdo dos signos lingüísticos.

Assim feito, verificamos que a análise lingüística do texto, sob todos os aspectos e em cada um desses aspectos de per si, é da maior importância para a análise e conhecimento do texto, do estilo do autor e da escola a que pertence. Porque através da linguagem, da utilização dos sons e fonemas, da escolha dos signos, da combinatória desses signos e do significado deles no contexto é que se chega ao pleno conhecimento e descoberta do texto literário. Como diz MAX BENSE —

"Texto é algo que é feito com a linguagem portanto a partir da linguagem, algo porém que, ao mesmo tempo, a transforma, acresce, aperfeiçoa, interrompe ou reduz".

Portanto, a linguagem utilizada no texto literário não é a linguagem normal, usada apenas como meio de comunicação. Como afirma Eduardo Portela (Teoria da Comunicação Literária).

"O discurso literário é a expressão superlativa da linguagem, porque a linguagem fala na poesia. É por isso que a fonte da criação é a linguagem literária. Ela rompe a separação entre significado e significante. Quando diz uma palavra, a palavra **casa** por exemplo, esta palavra é ao mesmo tempo e sentido. O signo lingüística aqui não é arbitrário, e por isso, a concepção da linguagem para a lingüística e para a literatura não é rigorosamente a mesma".

Ao falarmos em discurso literário devemos fazer a distinção entre discurso poético e narrativo. Jean Cohen, ao definir linguagem literária e ao determinar os tipos de discurso literário, chama de "poema em prosa" o que outros autores chamam de **narrativa** e de "poema em verso" ao que os autores chamam de **poética**. Justificando, ao nível da linguagem, essa distinção, ele diz que o poema em prosa é aquele onde há predomínio do nível semântico da linguagem e que o poema em verso é aquele em que sobressai o nível fônico da linguagem. Especificando mais ainda os caracteres poéticos da linguagem, faz o seguinte esquema:

poema em prosa	—	caráter fônico	(-)	semântico	(+)
prosa versificada	"	"	(+)	"	(-)
poesia integral	"	"	(+)	"	(+)
prosa integral	"	"	(-)	"	(-)

Concluindo sua análise COHEN diz que a diferença entre prosa e poesia é de natureza lingüística, isto é, formal. Não está nem na substância sonora nem na ideológica, mas no tipo de relações que o poema institui entre o significante e o significado, de um lado, e os significados entre si, de outro.

Já ROLAND BARTHES ao definir narrativa dá uma visão não só lingüística mas semológica, a mais ampla possível. Diz ele "... a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias, está presente no mito, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinho, no *fait divers*, na conversação... a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade" e conclui... "a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida".

Muitos são os modelos propostos para análise da estrutura da narrativa, Nenhum, porém, conseguiu esgotar as possibilidades de significação do texto. Diz BARTHES: "Para conduzir uma análise estrutural é necessário pois em primeiro lugar distinguir muitas instâncias de descrição e colocar estas instâncias numa perspectiva hierárquica (integratória)". É o que se tentou fazer ao se estabelecer os níveis da narrativa. Três são os níveis de descrição propostos:

1 — o nível das funções (Propp e Bremond)

2 — o nível das ações (Greimas)

3 — o nível da narração (Todorov).

(1) O nível das funções é de caráter conteudístico e se divide em duas grandes classes:

a) **distribucionais** (ou funções propriamente ditas — funções de Propp);

b) **integrativas** (ou índices). As distribucionais são basicamente sintáticas, e as integrativas, de caráter semântico. Estudando as regras de combinatórias funcionais ROLAND BARTHES dá as três principais linhas atuais de pesquisa:

— A primeira, de CLAUDE BREMOND, chamada **lógica**, onde este Autor reconstitui a sintaxe dos comportamentos humanos empregados pela narrativa.

- A segunda, de LÉVI-STRAUSS e GREIMAS, chamada **lingüística**, onde eles tentam descobrir oposições paradigmáticas nas funções.
- A Terceira, de TODOROV, dos **personagens**, ao nível dos personagens, onde o Autor estabelece regras de combinação, variação e transformação para os predicados de base. O nível das funções seria, segundo BARTHES, o primeiro nível de significação da narrativa.

(2) **O nível das ações** centra-se nos personagens da narrativa. GREIMAS tenta descrevê-los e classificá-los segundo suas ações, isto é, segundo o que eles fazem. Para GREIMAS o personagem equivale ao ator e os actantes são classes de atores. Os actantes são sujeito x objeto / doador (destinador) x destinatário / adjuvante x oponente /. Além dos actantes propõe GREIMAS três categorias actanciais:

- a) a Modulação do querer (sujeito / objeto)
- b) A Modulação do saber (destinador / destinatário)
- c) A Modulação do poder (adjuvante / oponente).

No entanto, estas categorias e actantes só se definem e só têm significação quando integradas ao nível da descrição ou narração.

(3) **O último nível é o da narração** (discurso) proposto por TODOROV. Este nível trata da narrativa como comunicação dos signos do narrador e do receptor. Há, aqui, três aspectos a serem levados em consideração:

O **primeiro**, em que há uma predominância do narrador (eu) sobre o personagem, é o que TODOROV chama de “a visão por trás”, em que o narrador sabe mais que o personagem. Neste caso, como diz BARTHES “a narrativa não é então mais que a expressão de um eu que lhe é exterior”.

O **segundo** aspecto é aquele em que o narrador se iguala ao personagem “é a visão com”. O narrador é ao mesmo tempo interior e exterior a seus personagens, uma vez que sabe tudo a seu respeito, sem se identificar com nenhum deles.

O **terceiro** aspecto é aquele em que o personagem se sobrepõe ao narrador — é a “visão de fora”. Neste aspecto o narrador sabe menos que os personagens, cada personagem passa a ser o emissor da narrativa.

A análise desses três tipos de concepção da narrativa é, no entanto, pouco convincente porque, como diz BARTHES, nos leva a crer que o narrador e os personagens são pessoas reais, o que não é verdade, pois, como se sabe, "quem fala (na narrativa) não é quem escreve (na vida) e quem escreve não é quem é" nas palavras do próprio BARTHES.

Após a explicitação das várias possibilidades de análise linguística e literária do texto, vemos que ambas apresentam pontos em comum numa primeira etapa, uma vez que partem da linguagem. Numa segunda fase apresentam disjunções, seguindo cada uma um tipo de enfoque diferente, e, finalmente, na última etapa, ambas se juntam, numa integração perfeita para a descoberta e conhecimento do texto literário. Resumindo graficamente, teríamos:

Descoberta e

Conhecimento do Texto

Análise Linguística

Análise Literária

Linguagem

As críticas feitas às análises linguísticas e literárias do texto têm certa razão na medida em que apenas sejam analisadas partes isoladas da obra e não o seu conjunto. Deve-se observar que o estilo é função da língua como um todo e que o manejo desta determina a estilística do texto.

Encerrando, vejamos a utilização da linguagem magistralmente feita por Jorge de Lima no seu poema "Distribuição da Poesia":

DISTRIBUIÇÃO DA POESIA

Jorge de Lima

Mei silvestre tirei das plantas,
sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Escutai meus irmãos: poesia tirei de tudo
para oferecer ao Senhor.
Não tirei ouro da terra
nem sangue de meus irmãos.
Estalajadeiros não me incomodeis.
Bufarinheiros e banqueiros
sei fabricar distâncias
para vos recuar.
A vida está malograda,
creio nas mágicas de Deus.
Os galos não cantam,
a manhã não raiou.
Vi os navios irem e voltarem.
Vi os infelizes irem e voltarem.
Vi homens obesos dentro do fogo.
Vi ziguezagues na escuridão.
Capitão-mor, onde é o Congo?
Onde é a Ilha de São Brandão?
Capitão-mor que noite escura!
Uivam molossos na escuridão.
Ó indesejáveis, qual o país,
qual o país que desejais?
Mei silvestre tirei das plantas,

sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Só tenho poesia para vos dar,
Abancai-vos meus irmãos.